

poesia drummondiana em geral, já que é esse o lugar em que a dramaticidade nasce».

Sete poemas foram escolhidos segundo o critério já mencionado para serem estudados. Esta escolha foi mesmo bem feita. Mostra que o autor deste estudo conhece bem a poesia de Carlos Drummond de Andrade e também mostra a riqueza e variedade da longa viagem poética deste poeta. Alguns destes poemas já são clássicos, como «Poema de sete faces» da coletânea, *Alguma poesia* (1930), «No meio do caminho» da mesma coletânea, e «Procura da poesia» do livro *A rosa do povo* (1945).

Mesmo a escolha sendo boa, infelizmente o estudo não é da mesma categoria. O autor peca por ver mais nos poemas do que está ali na realidade. Por exemplo, ele acha que o título de um dos poemas escolhidos, «Poema de sete faces», tem significado ocultista, argumento que soa bonito no abstrato mas que não é comprovado neste caso particular. A respeito disso lemos o seguinte:

O número sete é um número sagrado. Numa de suas acepções simboliza a totalidade do divino e do humano. Três é o número divino representa a Trindade. O número quatro é o número terrestre, representa os quatro pontos cardeais. A soma de ambos perfaz a harmonia do criador com a criatura.

Na segunda parte do livro o autor continua pecando do mesmo jeito, vendo na obra drummondiana ecos de Dante, Camões, Joyce, Shakespeare e Borges, enfim, todo o mundo menos o mais importante, o Carlos Drummond de Andrade, ele mesmo.

RUBÉN GARCÍA

*University of Florida.*

SALOMÃO SOUSA: *A moenda dos dias*. Brasília: Editora Coordenada, 1979.

Este é o segundo livro de Salomão Sousa, que nasceu em Goiás em 1952. O poema «Tempo de Agouro», que serve de prefácio às três séries de poemas do livro, é a meditação inicial do autor sobre a funcionalidade da poesia, seu objeto e/ou instrumento, a palavra. A sua proposta é a de um «lutar com palavras» drummondiano para realizar uma poesia que não se quer «só como renda / os berloques / raminhos de flor» mas «trapos / que cobrem e contêm / o pudor» (p. 5).

As séries que perfazem este volume, «Ladainha da Cidade Dura», «O Ser ao Ser» e a «Moenda dos Dias», estão impregnadas da paisagem rural goiana. Usando o tema Província-Metrópole, o autor descreve a trajetória de um mundo rural, claustrofóbico —Ceilândia, para o Mundo lá fora— Brasília, meca de tantos severinos do país inteiro. É difícil, e poucas vezes conseguida em termos de lírica a abordagem poética da questão social. Em Salomão ela irrompe plenamente mas numa linguagem poética contida, áspera e carregada de uma consciência social firme e incômoda, mas nunca estridente.

É preciso um esforço para deixar de ver as alusões a Drummond, a Fernando Pessoa, este último evidente nos versos «guardo o enterro desse cadáver / para nascer / na árvore / que irá fazer o navio / que não pode sair» (p. 31). Os poemas da terceira série descrevem a vida popular rural, o namoro, e a existência frugal e resignada de sua mãe. Tanto na temática como na técnica (repetições, reduplicações,

paralelismo) estes poemas lembram o tom cristalino e pungente das cantigas medievais.

Sua utilização de uma tradição poética permite diferenciá-lo do muito que existe no país de modismo de vanguarda e superficial que caracteriza certos movimentos. Ele evita traços de populismo e espontaneísmo, constrói um discurso despojado e simples, mais comprometido com a veracidade do que está sendo dito do que com obscuras e vazias ordenações estéticas.

NAOMI HOKI MONIZ

*Harvard University.*

ÉLBIO PRATES PICCOLI: *De um Mealheiro de Histórias*. Porto Alegre: Editora Garatuja/Co-edições UFRS, 1977.

Élbio Prates Piccoli nasceu em 1925 em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul. Oficial da reserva, passou a dedicar-se à literatura a partir de 1974. É detentor do 2.º lugar do I Concurso Nacional de Contos promovido pelo *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro em 1975. Em 1976, arrebatou os três primeiros lugares (sob pseudônimos diferentes) do Concurso de Contos Regionais no seu estado. *De um Mealheiro de Histórias* foi publicado por recomendação da Comissão Julgadora do I Concurso Universitário de Literatura da UFRGS, que atribuiu o primeiro lugar ao seu conto «Dia dos Azares», que faz parte do conjunto de contos que apresentou para julgamento.

O autor pertence a uma longa tradição literária gauchesca, estabelecida por autores como Alcides Maia, Simões Lopes Neto, Augusto Meyer, Érico Veríssimo e Josué Guimarães. Assim, o regionalismo literário é o caminho escolhido pelo autor e os seus contos podem ser agrupados, em geral, ao redor de dois temas predominantes: a gauchesca e o seu *ethos* e as evocações da infância. No primeiro, ele apresenta-nos uma contemplação nostálgica (e o desaparecimento progressivo) do tipo clássico gaúcho nos contos «Dia dos Azares», «Eh... Coronel!», «Êxodo» e «Quando as máquinas chegaram». O segundo grupo temático gira em torno de um menino; repetem-se —sobre o fundo de quintal ou vilarejo— as cenas da educação sentimental de um jovem supostamente inocente, e a trajetória do campo para a cidade, comuns na ficção brasileira («Um Adeus», «A Mulher do Alfaiate», «Aconteci-cência»).

O tom predominante nos contos é a nostalgia de um mundo antigo, rural e portanto mais próximo da natureza. A imagem do trem, cortando os pampas ou levando a família do camponês para a Capital, é uma metáfora dos tempos novos; o trem substitui a figura do cavalo/cavaleiro que é arquétipo do heroísmo, virilidade e grandeza do gaúcho. É a força irreversível do progresso e a força perturbadora e destruidora de um modo de viver.

Piccoli afirma-se como escritor que se mostra conhecedor do seu ofício e com domínio da língua. Ele vale-se da técnica narrativa, na qual a escrita do texto é a narração do personagem falando a um hipotético ouvinte, o «doutor» («Dia dos Azares» e «Eh... Coronel!»), método esse, consagrado por Guimarães Rosa. Ainda à maneira rosiana, Piccoli preocupa-se com as forças virtuais da linguagem e recria a musicalidade da fala do gaúcho. Sua frase adquire o ritmo popular, faz uso de aliterações, deslocamento de sintaxe, onomatopéia, da redondilha menor e chega a haver momentos onde o signo estético, além do referente semântico, é impregnado